



A hermenêutica na educação ambiental: a compreensão como pesquisador e a interpretação para a pesquisa

Denise Lemke Carletto¹

Ananda Nocchi Rockett²

Antonio Fernando Silveira Guerra³

Resumo: Neste artigo, apresentam-se fundamentos e princípios da hermenêutica e suas contribuições para a pesquisa e para o(a) pesquisador(a) em Educação Ambiental. A partir de leitura exploratória, revisão de literatura, e no aporte teórico de autores(as) como Gadamer (1999), Passos e Sato (2002), Carvalho, Grün e Avanzi (2009) e Pereira (2016), apresenta-se a hermenêutica, e sua relevância para a pesquisa em Educação Ambiental. Para isso, a hermenêutica é trazida como possibilidade de percepção ambiental, enunciando a importância da ampliação dos horizontes compreensivos para o(a) pesquisador(a) em Educação Ambiental, e reafirmando-a como fio condutor para a interpretação e a compreensão dos movimentos da pesquisa e do pesquisador em Educação Ambiental. Conclui-se que a hermenêutica apresenta-se como uma vertente epistemológica frutífera para as pesquisas e para o(a) pesquisador(a) em Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Hermenêutica. Pesquisa qualitativa.

The hermeneutics in environmental education: the comprehension as searcher and the interpretation for the research

Abstract: In this article, we present fundamentals and principles of hermeneutics and its contributions for the research and for the researcher on Environmental Education. By the exploratory reading, literature review, and the theoretical contribution of authors such as Gadamer (1999), Passos and Sato (2002), Carvalho, Grün and Avanzi (2009) and Pereira (2016), we present hermeneutics and its relevance to the research in Environmental Education. For this, hermeneutics is brought as a possibility of environmental perception, enunciating the importance of the broadening on understanding horizons for the researcher in Environmental Education, and

¹ Doutora de Educação, Bolsista do Programa do fundo de apoio à manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) e do Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE/CAPES). Mestre em Saúde e Meio Ambiente. Pedagoga. E-mail: denise.carletto@univille.br

² Bolsista da Capes no Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Vale do Itajai-UNIVALI. E-mail: nanandar@gmail.com

³ Pós-Doutor em Educação Ambiental. Doutor em Engenharia da Produção. Mestre em Educação. Licenciado em Ciências - Habilitação Biologia. E-mail: guerra@univali.br

reaffirming hermeneutics as the guiding thread for the interpretation and understanding of the movements of the research and the researcher in Environmental Education. We concluded that hermeneutics presents itself as a fruitful epistemological aspect for the researches and for the research in Environmental Education.

Keywords: Environmental Education. Hermeneutics. Qualitative Research.

La hermenéutica en la educación ambiental: la comprensión como investigador e la interpretación para la investigación

Resumen: En este artículo se presentan fundamentos y principios de hermenéutica e sus contribuciones para la investigación e para el(la) investigador(a) de Educación Ambiental. A partir de la lectura exploratoria, revisión de literatura, e con el aporte teórico de autores(as) como Gadamer (1999), Passos e Sato (2002), Carvalho, Grün e Avanzi (2009) e Pereira (2016), se presenta la hermenéutica y su relevancia para la investigación en Educación Ambiental. Para eso, la hermenéutica es colocada como posibilidad de percepción ambiental, enunciando la importancia de ampliar los horizontes comprensivos para el investigador de Educación Ambiental y reafirmando la hermenéutica como hilo conductor para la interpretación y la comprensión de los movimientos de la investigación y del investigador de Educación Ambiental. Se concluye que la hermenéutica se presenta como una vertiente epistemológica fructífera para las investigaciones y para el(la) investigador(a) de Educación Ambiental.

Palabras-claves: Educación Ambiental. Hermenéutica. Investigación cualitativa.

PERCEPÇÃO AMBIENTAL: A PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Este artigo decorre da busca de uma melhor compreensão sobre o olhar hermenêutico do pesquisador em Educação Ambiental (EA) e as contribuições para as pesquisas nesse campo. Essa discussão é oriunda da tese de doutorado em Educação, com ênfase em Educação Ambiental, de Carletto (2016)⁴, que se propôs a reconhecer e interpretar as percepções acerca da EA em duas comunidades de professores, a qual teve início nos relatos que constituíram, à época, a vida da pesquisadora como educadora ambiental e que aportou-se na hermenêutica como um dos referenciais teóricos e metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa.

A visão à qual estamos todos conectados é a de que partilhamos um mesmo espaço, chamado Planeta Terra, constituindo-se numa mudança de paradigma para muitos seres humanos que coabitam essa casa comum. Para essa mudança, é preciso ampliar as percepções sobre o ser e o estar no mundo, as formas de pensar e interagir com os seres vivos e não vivos, e os valores ambientais, sociais e econômicos que compartilhamos. Nesse paradigma dominante da racionalidade, a sociedade está estruturada de forma a ver e

⁴ Este artigo reporta-se à tese de doutorado de Carletto (2016), *Percepção e Educação Ambiental: movimento fenomenológico hermenêutico para o diálogo com professores da Vila da Glória (Brasil) e Viana do Castelo (Portugal)*, junto ao Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade (GEEAS), sendo uma revisão e uma ampliação nas reflexões do subcapítulo 2.3 e dos capítulos 3 e 6.

agir sobre a natureza como se ela fosse uma fonte inesgotável de recursos, que deve gerar “bem-estar” e atender, indefinidamente, às suas necessidades básicas.

Os números sobre a extinção de espécies são alarmantes, como nunca vistos antes. Conforme Rockström (2009), a extinção de espécies é um processo natural e aconteceria mesmo sem a intervenção humana. No entanto, a taxa dessa extinção é estimada entre cem e mil vezes maior do que poderia ser visto como “natural”, um dado revelador, de que as atividades humanas, sobretudo as mudanças quanto ao uso da terra, exercem forte influência na perda acelerada da biodiversidade, tal como acontece com as alterações climáticas. O equilíbrio ambiental depende da manutenção da biodiversidade de espécies vegetais e animais e de seus ecossistemas.

É nesse contexto que cabe à Educação, particularmente à Educação Ambiental (EA), por meio dos educadores(as) e pesquisadores(as) em EA, o desafio de motivar as pessoas, os governos e as comunidades à reflexão sobre as causas e as consequências da crise ambiental. É preciso caminhar no sentido de aumentar a sensibilização dos grupos sociais, no que concerne à situação atual do declínio ecológico. Da mesma forma, a EA possibilita ações e subsídios às políticas públicas para promover mudanças, evidenciando a necessidade de novas estratégias na gestão dos bens e serviços ambientais, além de enfrentar ou minimizar os conflitos provocados nas complexas relações que se estabelecem entre o ser humano, as comunidades e o ambiente.

Para que esse caminho de sensibilização comece a ser traçado, é necessário construir uma cultura de sustentabilidade, que compreenda natureza e sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas, que não podem ser pensadas – seja nas decisões governamentais ou nas ações da sociedade civil – de forma separada, independente ou autônoma (CARVALHO, 2011). Para Loureiro e Viégas (2007), a problemática ambiental incita a humanidade a uma compreensão de mundo mais abrangente, mais complexa e mais transformadora. Não é por acaso que são recorrentes na EA, palavras como transformação, multidimensionalidade, inter-relações, complexidade, entre outras.

Estamos na era do conhecimento e da tecnologia, mas nunca estivemos tão longe das questões da existência, da cultura e da nossa identidade. Para o entendimento da complexidade ambiental, não basta apenas compreendê-la à luz das ciências naturais e exatas; é preciso extrapolar as fronteiras dessa forma de conhecimento, pois saber ambiental transita entre as ciências e o conhecimento tradicional, popular e local (LEFF, 2011).

A complexidade e as diversas interações das questões ambientais são estendidas para a EA, que visa induzir e transparecer essas interações no âmbito pessoal e social dos indivíduos, estabelecendo-as de maneira local-global-local. Essa complexidade reflete-se nos programas de EA e na atuação dos(as) educadores(as), uma vez que, conforme Sauv e (2005, p. 319),

Cabe a cada ator definir seu ‘nicho’ educacional na EA, em fun o do contexto particular de sua interven o, do grupo alvo a que se dirige e dos recursos de que dispõe: trata-se de escolher objetivos e estratégias de modo oportuno e realista, sem esquecer, contudo, do conjunto de outros objetivos e estratégias possíveis.

Logo, a percep o e a sensibiliza o ambiental proporcionam, nas práticas de EA, diversas e importantes abordagens que estimulam e envolvem o imaginário, a história de vida, a memória e os sentidos (visão, audi o, tato, paladar e olfato), para que as sensa es vividas e percebidas permitam a reflexão e o reconhecimento de nossa integra o no, para e com o ambiente, numa análise de nossas práticas cotidianas e na identifica o dos problemas socioambientais e das potencialidades atuais para a transforma o da realidade.

  assim que, em seus estudos, a EA utiliza estratégias e pesquisas, o conhecimento acerca da percep o resultante de múltiplos conhecimentos, experiências, crenças, emo es, cultura e a es, que, em termos socioambientais, consistem no modo como o ser humano, individual ou coletivamente, v  e compreende o ambiente que o transforma, ao mesmo tempo em que   transformado por ele nessas complexas intera es. Essa percep o, quando estimulada, torna-se, também, suscetível a mudanças. No entanto, há que se ter cuidados nos estudos de percep o relacionados   EA, pois:

N  obstante, ainda nos dias atuais, os estudos de percep o ambiental têm revelado reducionismos preocupantes. N  são raros os estudos no campo da Educa o Ambiental que tomam o fenômeno da percep o como foco e acabam por se reduzir a levantamentos conceituais sobre problemas ambientais, que dizem muito pouco da real complexidade da rela o do ser humano com seus contextos, suas concretudes, com o mundo vivido. (MARIN, 2009 p. 61)

Ainda,

Em outros termos, há uma necessidade de supera o do emprego do termo percep o como puras concep es que o sujeito constrói do mundo ‘  sua volta’, por um uso do termo num sentido mais próximo da complexidade do fenômeno, que parta da ‘imersão’ no mundo vivido, inevitavelmente esquecida na educa o tradicional. (MARIN, 2009, p. 61)

Ainda, de acordo com Pereira, Dias e Lemos (2012, p. 25), o (a) pesquisador (a) “precisa conhecer a natureza do seu trabalho, a lógica científica que constituirá o exercício metodológico e que levará a compreender o processo do conhecimento do seu estudo”. Assim, a Hermenêutica como fundamentação teórico-metodológica para a pesquisa, se assenta em uma possibilidade de refletir, aproximar e aprofundar o conhecimento, para compreender e expressar as importantes questões socioambientais que envolvem a Educação Ambiental e a percepção dos sujeitos (as) envolvidos (as) na pesquisa, ou seja, o (a) pesquisador (a) e os pesquisados. No acolhimento das percepções vividas junto aos sujeitos pesquisados é que as revelações das percepções de comunidades ou grupos, considerando a percepção “pelo” e “com” os sujeitos, “do” e “no” seu lugar de vivência, contribuem para a ampliação do diálogo entre programas e ações de EA formal e EA não formal.

Portanto, neste artigo busca-se apresentar fundamentos e princípios da hermenêutica e suas contribuições para a pesquisa e para o (a) pesquisador (a) em Educação Ambiental. Com o intuito de buscar artigos que tratassem do assunto e fundamentassem o escopo desejado, fez-se uma leitura exploratória e de revisão de literatura bibliográfica dos anos de 2011 a 2017, na base de dados de teses e dissertações da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e nas principais revistas de Educação Ambiental, como a Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (REGET/UFES) e a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA/FURG). A busca foi realizada utilizando as palavras “Educação Ambiental”, “Hermenêutica”, “Gadamer”.

Como resultado dessa busca, foram encontrados dois estudos que contemplavam a hermenêutica e suas contribuições para a pesquisa em EA. Um deles foi o artigo de Iared, Tullio e Oliveira (2012), sobre a aproximação entre os teóricos Gadamer e Freire, no sentido de contribuir para compreender a fenomenologia hermenêutica enquanto uma possibilidade metodológica de pesquisa em EA, e o outro foi o artigo de Schmitt (2015) que propõe reflexões sobre as relações entre a hermenêutica, enquanto corrente filosófica, e a prática educativa ambientalmente orientada.

Além dessas pesquisas, buscaram-se os livros lançados nesse mesmo período, que contemplassem o mesmo assunto. Encontrou-se o livro *Hermenêutica e Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico*, obra lançada em 2016, relacionada à hermenêutica e suas contribuições para a pesquisa em EA, organizada pelo professor

Vilmar Alves Pereira, que também foi o aporte teórico e metodológico da pesquisa de Carletto (2016). Nesse livro, um capítulo apresenta reflexões sobre as contribuições da filosofia hermenêutica para a EA; outro, aborda sobre as contribuições da atitude hermenêutica no campo da EA; e um terceiro, lança um olhar sobre a metodologia nas pesquisas em EA a partir da hermenêutica.

Em consonância com a obra de Pereira (2016), a experiência da pesquisa e da tese de doutorado de Carletto (2016) e a limitação de produções científicas que abordem a hermenêutica nas pesquisas de EA, neste artigo buscamos discutir a hermenêutica como possibilidade de percepção ambiental; enunciar a importância da ampliação dos horizontes compreensivos para o pesquisador em EA e reafirmar a hermenêutica como fio condutor para a interpretação e a compreensão dos movimentos da pesquisa e do pesquisador em EA.

Para dialogar sobre os desafios da EA, a complexidade ambiental e a cultura da sustentabilidade, buscou-se em Sauv  (2005), Loureiro e Viégas (2007), Marin (2009), Carvalho (2011) e Leff (2011) o aporte teórico. Os diálogos sobre as contribui es da hermenêutica, para o pesquisador em Educa o Ambiental, acontecem com o apoio de Gadamer (1999), Passos e Sato (2002), Carvalho, Grün e Avanzi (2009) e Pereira (2016).

Inicialmente, introduz-se a hermenêutica, seus fundamentos, rela o e relevância para a pesquisa em Educa o Ambiental. No próximo t pico, aborda-se sobre a compreensão e a autocompreensão com base em Gadamer. No terceiro, descreve-se uma possibilidade de trajetória teórica metodológica da hermenêutica na pesquisa em EA. E, por último, expõem-se as considera es acerca deste artigo como contribui o no processo da investiga o em EA e, principalmente, no processo “do” e “como” pesquisador (a).

COMPREENSÃO E AUTOCOMPREENSÃO: O ATO DE INTERPRETAR NA HERMENÊUTICA DE HANS-GEORG GADAMER

Hans-Georg Gadamer (1900-2002)   um filósofo alemão que traz a hermenêutica, a ciência da interpreta o, como o fenômeno universal do compreender, considerando que todo e qualquer saber humano tem, por base, uma pr -compreensão que o antecede.

Em “*Paisagens da Compreensão: contribui es da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da Educa o Ambiental*,” de Carvalho, Grün e Avanzi (2009), os autores revelam que   pela “aventura da compreensão e da autocompreensão que se supõe um sujeito implicado na rela o de conhecimento, recusando a ideia cartesiana de um sujeito da razão, observador, situado em algum lugar

fora do mundo” (CARVALHO; GRÜN; AVANZI, 2009, p. 101). Essa ideia representa o caminho que percorremos enquanto pesquisadores no campo da EA, cheios de perguntas, sem nenhuma certeza, a não ser a de querer estar inseridos no lugar da pesquisa, com os sujeitos pesquisados, nos aventurando em conhecer, reconhecer e, por vezes, nos encontrar, uma vez que também somos parte da pesquisa. E essa aventura não é possível em uma observação isolada, fora daquele espaço, em outro lugar.

Os autores demonstram o pensamento de Gadamer de uma forma que justifica e torna possível o entendimento da escolha desse filósofo, para a interpretação em pesquisas em EA,

Gadamer enfatiza a natureza dialógica não só da filosofia, mas da existência humana. Aquilo que somos depende muito dos que estão a nossa volta – o(s) outro(s). Antes que uma determinação de uma consciência livre possa escolher, somos fruto da tradição de sentido na qual estamos inseridos. (CARVALHO; GRÜN; AVANZI, 2009, p. 102)

Essa é a interação que a hermenêutica estimula, uma relação dialógica com os sujeitos e em interação com o meio, considerando o contexto histórico-social, mantendo um constante diálogo de compreensão e recompreensão, considerando a realidade, mas também, o passado, e assim abrindo novas possibilidades de reflexão (SARAÇOL, DOLCI e PEREIRA, 2016).

Gadamer, na introdução do seu livro *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* refere-se ao nosso modo de vivenciar no universo:

O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico, no qual não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis, mas para o qual estamos abertos. (GADAMER, 1999, p. 35)

O referido autor (1999, p. 402) nos apresenta também, o “círculo hermenêutico”, que consiste na forma da interpretação compreensiva, e o problema dos preconceitos, que pode levar o pesquisador (a) à exposição das próprias opiniões prévias, “pois o que importa é manter a vista atenta à coisa, através de todos os desvios a que se vê constantemente submetido o intérprete em virtude das ideias que lhe ocorram.”

O movimento circular aparece na perspectiva de que “tem-se de compreender o todo a partir do individual e o individual a partir do todo” (GADAMER, 1999, p. 436). E assim,

O movimento da compreensão vai constantemente do todo à parte e desta ao todo. A tarefa é ampliar a unidade do sentido compreendido em círculos concêntricos. O 'critério correspondente para a correção da compreensão é sempre a concordância de cada particularidade com o todo'. (GADAMER, 1999, p. 436)

E esse compreender ocorre por meio da dialética da compreensão/interpretação, como no caso de algumas pesquisas de EA, pelo (a) educador (a) ambiental que interpreta, mas que também é interpretado (a), assim como seus resultados são, também, passíveis de diferentes leituras.

A exigência da hermenêutica somente parece se satisfazer na infinitude do saber, da mediação pensante da totalidade da tradição com o presente. Esta se apresenta baseada no ideal de um *Aufklärung*⁵ total, da ruptura definitiva dos limites de nosso horizonte histórico, da subsunção da finitude própria na infinitude do saber, em uma palavra, na onipresença do espírito que sabe historicamente. (GADAMER, 1999, p. 506)

É nesse sentido de *Aufklärung* que trazemos a hermenêutica como possibilidade para a pesquisa de percepção ambiental. Conforme Pereira, et. al. (2016, p. 40) “o saber ambiental resgata o pensamento utópico e a vontade de liberdade, frutos de uma contracultura em reação a uma cultura predominante na busca de uma nova racionalidade para a existência”. Esse resgate está intimamente vinculado às nossas tradições e à nossa realidade presente. Para Saraçol, Dolci e Pereira, (2012, p.105), significa que “abrir novas possibilidades de reflexão é basicamente o desafio da hermenêutica”.

A pesquisa com interpretação hermenêutica rompe com a lógica positiva que busca a certeza ou a verdade, favorecendo uma abertura para “riscos e incertezas na busca pelo conhecimento” (SARAÇOL, DOLCI, PEREIRA, 2016, p.121). Conforme os autores, a hermenêutica busca o estranhamento, pois não há caminho seguro e estável:

[...] a barreira da estranheza que a nossa compreensão tem que superar, a compreensão só alcança, em definitivo, sua perfeição, e a ideia da

⁵ Na tradução *Aufklärung* significa esclarecimento, explicação. O *Aufklärung*, na hermenêutica de Gadamer, não traz os preconceitos como empecilhos do conhecimento, “mas como possibilidades da compreensão, possibilidade de alargamento de horizonte” (BRESOLIN, 2008, p. 79).

individualidade, só encontra sua fundamentação, numa consciência infinita. (GADAMER, 1999, p. 506)

A busca pela compreensão “rejeita o uso da técnica, da metodologia e do conceito objetivo” (SARAÇOL, DOLCI, PEREIRA, 2012, p.121). O círculo hermenêutico abre, ao pesquisador (a), infinitas possibilidades de conduzir o desenvolvimento da pesquisa por meio da escuta e da partilha, em cujo âmbito o *eu* “pesquisador (a)” e o *tu* “pesquisado (a)” tornam-se interlocutores.

A experiência do tu, que assim se adquire, é objetivamente mais adequada que o conhecimento das pessoas, que só procura calcular sobre eles. É uma pura ilusão ver no outro um instrumento completamente dominável e manejável. (GADAMER, 1999, p. 530)

O processo hermenêutico completa-se pela experiência:

[...] vimos que a experiência que fazemos transforma todo o nosso saber. Em sentido estrito, não é possível ‘fazer’ duas vezes a mesma experiência. É verdade que faz parte da experiência o fato de que ela se confirme continuamente. E também somente se a adquire pela repetição. Mas enquanto uma experiência repetida e confirmada já não se ‘faz’ de novo. Quando se fez uma experiência, isto quer dizer que a possuímos. Desde esse momento, o que era antes inesperado é agora previsto. Uma mesma coisa não pode voltar a converter-se para nós numa experiência nova. Somente um novo fato inesperado pode proporcionar a quem possui experiência uma nova experiência. Desse modo, a consciência que experimenta inverteu-se, ou seja, voltou-se sobre si mesma. Aquele que experimenta se torna consciente de sua experiência, tornou-se um experimentador: ganhou um novo horizonte dentro do qual algo pode converter-se para ele em experiência. (GADAMER, 1999, p. 522)

Nesse sentido, pela experiência, a hermenêutica nos ensina a sermos intérpretes do mundo. Concordamos com Pereira (2016, p. 101) de que “o primeiro passo para que ocorra essa relação intersubjetiva é a necessidade urgente do reconhecimento”, uma vez que, “a experiência ensina a reconhecer o que é real”. “Conhecer o que é vem a ser, pois, o autêntico resultado de toda experiência e de todo querer saber em geral.” (GADAMER, 1999, p. 527).

O ato da compreensão hermenêutica exige disposição para inserir-se na história e na linguagem, buscando sentido nos fatos e no agir, entregando-se à íntima inter-relação que se constitui entre o (a) pesquisador (a) e seus (as) interlocutores (as), de sorte que, assim, a experiência torna-se uma possibilidade integradora e reconfiguradora da nossa

forma de pensar e sentir. E as experiências se fazem, sempre, em relação com o outro. O *tu* possibilita compreender o *eu*, da seguinte forma:

[...] experimentar e compreender o tu consiste em que este é reconhecido como pessoa, mas, apesar de incluir a pessoa na experiência do tu, a compreensão deste continua sendo um modo da referência a si mesmo. Esta auto-referência procede da aparência dialética que a dialética da relação-eu-tu leva consigo. A relação entre o eu e o tu não é imediata, mas reflexiva. A toda pretensão se lhe impõe uma contrapretensão. Assim surge a possibilidade de que cada parte da relação salte reflexivamente por sobre a outra. Ele pretende conhecer por si mesmo a pretensão do outro e inclusive de entendê-lo melhor que ele mesmo se entende. Com isso o tu perde a imediatez com que orienta suas pretensões a respeito de alguém. É compreendido, mas no sentido de que é antecipado e aprendido reflexivamente a partir da posição do outro. Na medida em que esta é uma relação recíproca, perfaz também a realidade da relação-eu-tu. (GADAMER, 1999 p. 530)

No desenvolvimento da pesquisa com interpretação hermenêutica, Eichenberger e Pereira (2016, p. 129) chamam a atenção para a estrutura da pesquisa, em cujo domínio, na busca pela compreensão, não podemos “impor convicções, opiniões ou perguntas motivadas por experiências estranhas” ao sujeito. Desse modo:

É essencial a toda pergunta que tenha um sentido. Sentido quer dizer, todavia, sentido de orientação. O sentido da pergunta é simultaneamente a única direção que a resposta pode adotar-se se quiser ser adequada, com sentido. Com a pergunta, o interrogado é colocado sob uma determinada perspectiva. O fato de que surja uma pergunta rompe igualmente o ser do interrogado. (GADAMER, 1999, p. 534)

E é justamente nesse sentido que convém retomar o rigor que a pesquisa qualitativa deve cumprir. O fato de não seguir uma metodologia rigidamente estruturada, pode parecer, aos olhos dos que desconhecem a teoria hermenêutica, que ela não é uma pesquisa “de fato”, mas Gadamer (1999, p. 534) alerta que, “contrariamente à opinião dominante, perguntar é mais difícil que responder”.

Nessa direção, para Saraçol, Dolci e Pereira (2012, p.117) “a experiência de sentido que se dá, na compreensão dialógica, implica um momento de aplicação. Todo esse movimento é um processo de linguagem”, onde acontece o entendimento sobre o fenômeno em questão. “Uma conversação que queira chegar a explicar alguma coisa precisa romper essa coisa através de uma pergunta” (GADAMER, 1999, p. 535). Para o

autor, “a pergunta se impõe, chega um momento em que não mais se pode desviar-se dela, nem permanecer agarrados à opinião costumeira.” (GADAMER, 1999, p. 540). E ainda:

A arte da dialética não é a arte de ganhar de todo mundo na argumentação. Pelo contrário, é perfeitamente possível que aquele que é perito na arte dialética, isto é, na arte de perguntar e buscar a verdade, apareça aos olhos de seus ouvintes como o menos indicado a argumentar. A dialética, como arte do perguntar, só pode se manter, se aquele que sabe perguntar é capaz de manter em pé suas perguntas, isto é, a orientação para o aberto. A arte de perguntar é a arte de continuar perguntando; isso significa, porém, que é a arte de pensar. Chama-se dialética porque é a arte de conduzir uma autêntica conversação. (GADAMER, 1999, p. 540)

A reflexão de Gadamer sobre a arte da conversação, nos demonstra a postura verdadeiramente hermenêutica, onde a dialética apresenta-se sob a forma de arte: a arte da conversação, sem hierarquização do saber, mas promovendo um encontro de saberes.

Eu parti do fato de a linguagem consistir em diálogo. Ela é uma forma de convivência tanto na conservação do antigo quanto na renovação. Pensemos no fato de não apenas recebermos informações em um diálogo, mas de também nos aproximarmos uns dos outros. Onde um diálogo realmente acontece, aí os parceiros do diálogo, quando se despedem um do outro, não são mais totalmente os mesmos. (GADAMER, 2007, p. 86)

Para Saraçol, Dolci e Pereira (2012, p.125), o diálogo hermenêutico acontece quando pesquisador (a) e pesquisado (a) estão abertos para uma fusão de horizontes e havendo “verdadeiramente uma abertura, haverá uma ampliação dos horizontes, o do *eu* e o do *outro*, sujeitos que participaram de um momento hermenêutico.” Assim, neste jogo da conversação, que é a arte da dialética, não há um dominador no diálogo, mas uma íntima interação dos saberes:

Para desenvolver uma conversação é necessário, em primeiro lugar, que os interlocutores não passem ao largo um do outro na conversação. É por isso que possui, necessariamente, a estrutura de pergunta e resposta. A primeira condição da arte da conversação é nos assegurarmos de que o interlocutor nos acompanhe no mesmo passo. (GADAMER, 1999, p. 540)

Para Gadamer (1999, p. 541), “a dialética consiste não na tentativa de buscar o ponto fraco do que foi dito, mas, antes, em encontrar sua verdadeira força.”

E nesse contexto, a EA “não pode ser um apêndice para a reprodução dessa racionalidade, mas deve estar comprometida com a negação dessa lógica, em um horizonte que reivindique um caminho inédito, mas viável de ser trilhado” (CLARO; PEREIRA, 2016, p.157).

Nos escritos de Gadamer identificamos a mesma linha de pensamento,

[...] porque nós mesmos não somos pessoas quaisquer que estão em qualquer lugar, mas somos nós mesmos quem nós somos, isso nos torna pela primeira vez efetivamente conscientes de quem nós somos e do que pode vir a acontecer com nós todos. (GADAMER, 2007, p. 34)

Essa reflexão pode ser um dos elos fundamentais que ligam a hermenêutica às pesquisas de EA, desde que, conforme Claro e Pereira (2016, p. 163), estejamos buscando “uma postura que contribua para o entendimento das visões negligenciadas, que amplie os horizontes compreensivos a partir de outra forma de encarar os diversos saberes e discutir os conteúdos necessários ao sujeito no mundo”.

Pois o homem é um ser racional, mesmo que ele também seja com frequência um ser irracional. Enquanto ser racional, porém, ele sabe escolher, o que significa, contudo, que ele usa a sua capacidade crítica no que há de pequeno e no que há de grande, produzindo, assim, uma constante transformação das ordens de sua vida. Não é apenas o *ethos* que o define – ele também é *logos*, ou seja: ele também é seu saber e pensar. (GADAMER, 2007, p. 35)

A reflexão e a compreensão do “saber” e do “pensar” é a abertura que a hermenêutica possibilita no campo da pesquisa em EA.

Assim, pode ser que nós vivamos em um mundo, no qual o ajuste, a regulamentação e a avaliação desmedida de todas as capacidades de adaptação predominem. No entanto, nós sempre procuraremos nos defender dessa pressão para a adaptação. Nisso também reside, então constantemente a possibilidade de entrarmos em acordo uns com os outros. (GADAMER, 2007, p. 92)

Assim, nas pesquisas de percepção ambiental, considera-se que as ações de cada um também passam pelo processo de autoconhecimento, e que um ser humano afeta diretamente o outro, em uma retroalimentação, podendo-se supor que o movimento da pesquisa tem possibilidades de gerar reflexos amplos nas comunidades ou grupos pesquisados.

E é também nessa condição humana de retroalimentação, que nos fazemos pesquisadores, pois, segundo o autor, “se algum dia deixarmos de perguntar, o pensamento também cessará” (GADAMER, 2007, p. 92).

CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA HERMENÊUTICA: A INTERROGAÇÃO COMO FONTE PROPULSORA PARA A COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

São diversas as possibilidades de caminhos a descobrir e percorrer para encontrar e traçar os rumos da pesquisa hermenêutica. Nessa trajetória, cabe aos pesquisadores (as) estarem atentos (as) para que não sejam tomados caminhos incertos, e para isso, é salutar o exercício de realizar ensaios *a priori*, como uma sólida revisão da literatura, um *estado da arte*, em livros, artigos, teses e dissertações, tanto da temática como da abordagem teórica e metodológica.

Destacamos que as atividades *a priori* da pesquisa, já constituem a própria pesquisa hermenêutica. Compreendemos que os ensaios, os erros e acertos fazem parte também do movimento hermenêutico da pesquisa. São caminhos que constituem o (a) pesquisador (a) e tornam-se relevantes e merecem ser compartilhados, pois como diz nosso mestre Paulo Freire (2005, p.93): “Aqui não há sábios nem ignorantes absolutos. Existem pessoas que, em comunhão, procuram aprender juntas”. Assim, esse processo contribui para a formação dos (as) pesquisadores (as) em Educação Ambiental.

O ato de pesquisar, compreender e escrever depende, única e exclusivamente, do pesquisador. Esse movimento acontece com todo o contexto e com o conhecimento que ele traz consigo sobre o que pretende pesquisar. Para contribuir com esse pensamento, evoca-se o que afirmam Saraçol, Dolci e Pereira (2016, p. 73):

Na condição hermenêutica, o pesquisador assume uma postura diferente da proposta nas pesquisas ditas convencionais ou de cunho mais positivista. A condição do pesquisador pressupõe a condição de autor, intérprete, que se posiciona e assim expressa o seu entendimento sobre o fenômeno pesquisado.

O caminho da hermenêutica é percorrido pela interrogação, pois é pela pergunta que acessamos os atos da consciência. Assim, pela cognição, articulação e expressão, nos aproximamos do percebido e o descrevemos. Essa descrição é interpretada, envolta pelo círculo hermenêutico que propõe Gadamer, tanto pelo diálogo estabelecido, como pelas observações, e/ou pelas vivências que constituem o encontro entre “pesquisa-

pesquisador(a)-interrogação” com o aporte da literatura estudada, possibilitando revelações críticas e reflexivas. E é nesse sentido que a pergunta mobiliza a experiência.

É claro que em toda experiência encontra-se pressuposta a estrutura da pergunta. Não se fazem experiências sem a atividade do perguntar. O conhecimento de que algo é assim, e não como acreditávamos primeiramente pressupõe evidentemente a passagem pela pergunta se é assim ou de outro modo. A abertura que está na essência da experiência é, logicamente falando, esta abertura do ‘assim ou de outro modo’. (GADAMER, 1999, p. 534)

Com base nesse processo, o (a) entrevistado (a) é encorajado (a) a refletir sobre sua vivência e experiência, e o (a) entrevistador (a) incentiva o relato detalhado, possibilitando a identificação do fenômeno (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI, 2003; RANIERI; BARREIRA, 2010). Assim, pela hermenêutica, conseguimos ampliar os horizontes, deixando transparecer cada movimento da pesquisa e cada entrevistado (a), sem que tenhamos necessidade de categorizá-los (as) ou agrupá-los (as) por semelhança. A hermenêutica possibilita a livre movimentação dos achados do (a) pesquisador (a), em uma relação dialética com os (as) interlocutores (as).

Para revelar as interpretações da pesquisa, como já afirmamos, cabe apoiar-se no círculo hermenêutico de Gadamer, que compreende o movimento constante entre as partes e o todo, entre o mundo do (a) pesquisador (a) e de quem é pesquisado (a), na busca pela compreensão do fenômeno. Para Saraçol, Dolci e Pereira (2016, p.115), essa movimentação interpretativa é que constitui o movimento do círculo hermenêutico. Cabe salientar que este não se coloca como uma estrutura a ser seguida, como uma abordagem a ser aplicada ou como um procedimento de compreensão, mas está vinculado com a coisa em questão, no que foi expresso e dado, onde ocorreu a conexão, por onde ocorreu a compreensão. Para Gadamer:

Compreender não é compreender melhor, nem se saber mais, no sentido objetivo, em virtude de conceitos mais claros, nem no da superioridade básica que o consciente possui com respeito ao inconsciente da produção. Bastaria dizer que, ‘quando se logra compreender’, compreende-se de um modo ‘diferente’. (GADAMER, 1999, p. 444)

A compreensão não significa uma verdade absoluta, mas representa a interpretação do fenômeno estudado, considerando o saber do (a) pesquisador (a) e dos pesquisados (as) e também o momento temporal da pesquisa.

A HERMENÊUTICA COMO AMPARO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Compreende-se que as questões humanas e ambientais não são fragmentadas no sentido do dualismo cartesiano, mas sim, que estão emaranhadas na razão e na emoção que se articulam, dialeticamente, e assim constituem a significação do mundo à nossa volta. Nesta ambiguidade de significados, o (a) pesquisador (a) em Educação Ambiental, que não busca uma verdade única ou explicativa para seu objeto de estudo na prática investigativa, apoia-se na hermenêutica para tornar-se um intérprete da diversidade de sentidos, permitindo emergir as vivências experienciais “dos (as)” e “com” os (as) pesquisados (as). Segundo Eichenberger e Pereira (2016, p. 126) “na Educação Ambiental, observa-se que a hermenêutica une saberes, filosofias e concepções do ser humano sobre si mesmo e sobre seu papel neste planeta”.

Num processo investigativo em Educação Ambiental, que tenha por intenção revelar a percepção ambiental, intenciona-se a reflexão da relação que determinados sujeitos têm com o ambiente, possibilitando a compreensão da vida cotidiana e das complexidades que abarcam o convívio socioambiental. É desse modo que, para os estudos e a definição de suas estratégias, a EA pode pautar-se na percepção, a qual, na perspectiva ambiental, consiste em como o ser humano, individual ou coletivamente, percebe e entende, enfim, compreende e interage “no” e “com” o ambiente, para a compreensão do mundo em que vive. Essa compreensão é resultante de conhecimentos, experiências, crenças, emoções, cultura e ações.

A sensação, tal qual como a experiência a entrega a nós, não é mais uma matéria indiferente e um momento abstrato, mas uma de nossas superfícies de contato com o ser, uma estrutura de consciência, e, em lugar de um espaço único, condição universal de todas as qualidades, nós temos com cada uma delas uma maneira particular de ser no espaço e, de alguma maneira, de fazer espaço. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 299)

A natureza de nossa percepção leva-nos a viver uma condição humana universal, como sujeitos irremediavelmente livres, situação que também nos torna “responsáveis pela comunidade em que vivemos, pela sociedade, e por esta biosfera, que mantém o elo da vida como sua própria essência de manutenção” (PASSOS, SATO, 2002, p. 5).

As práticas em EA que despertam a sensibilização, por intermédio dos sentidos, permitem, em suas ações, a aproximação significativa dos sujeitos envolvidos, vinculando-os e remetendo-os a aspectos socioambientais, e oportunizando a ressignificação de valores

individuais ou de grupos sociais. Para Claro e Pereira (2012, p. 83), essa é a compilação da ideia do sujeito integrado: “o sujeito habita, constrói e se constitui a partir do pano de fundo que é a vida”. Nesse sentido, cabe ao pesquisador em EA, que busca a hermenêutica para a sua pesquisa, ter ciência dos limites aos quais está exposto, principalmente como um agente promotor do diálogo, na postura que irá adotar frente aos sujeitos pesquisados. Nas palavras de Saraçol, Dolci e Pereira (2016, p. 75), o pesquisador poderá “optar por um diálogo convencional (quem sabe mais para quem sabe menos), um diálogo hermenêutico, ou um diálogo horizontal (saberes diferentes)”. Essa “horizontalização do diálogo” permite uma abertura para a troca de saberes, para o encontro de ideias, sem a necessidade de hierarquia entre os envolvidos.

Essa complexidade de envolvimento na vida, desenvolve a concepção da percepção, levando à experiência e ao acesso à verdade. A compreensão da verdade relaciona-se à percepção do sujeito, “que por sua vez só é um fenômeno devido ao entendimento de que o ser humano vivencia, entrando em contato com sensações e práticas a partir do contexto em que atua” (CLARO; PEREIRA, 2012, p. 83). É importante que o pesquisador tenha essa racionalidade, que se preocupe em desenvolvê-la, antes mesmo de conhecer a própria hermenêutica, e que adote uma “postura aberta para o outro, ao conhecimento e à crítica do outro” (SARAÇOL, DOLCI E PEREIRA, 2016, p. 76).

Desse modo, para esses autores, evidencia-se a ideia de que a verdade não é universal, ela é vinculada às experiências vividas do sujeito. E como sujeitos únicos que somos, as verdades se tornam singulares, únicas, passíveis de questionamento e diálogos, se (re) transformando a cada relação experienciada.

O reconhecimento do sujeito “no” e “do” seu ambiente tornam-se essenciais para as ações e as práticas de EA alcançarem seus objetivos, e da mesma maneira as investigações. Dessa forma, a hermenêutica pode ser o fio condutor para a interpretação e a compreensão dos movimentos da pesquisa em EA.

E ASSIM...

Contextualizado da área de Educação Ambiental, marcado por estudos sobre as contribuições da hermenêutica para a EA, este artigo objetivou apresentar os fundamentos e os princípios da hermenêutica e suas contribuições para o (a) pesquisador (a) e a pesquisa em Educação Ambiental. Para isso, buscaram-se, na pesquisa documental, com consulta às principais publicações e autores da área, os registros teóricos sobre o tema “hermenêutica” para a sua interpretação.

Por meio das experiências vividas e do reconhecimento do nosso estar no mundo, é que as práticas de EA podem possibilitar a reflexão sobre a nossa integração no, para e com o ambiente. A hermenêutica oferece esse olhar, para que o pesquisador reconheça a si próprio e a natureza de seu trabalho, bem como o olhar e interpretação sobre a percepção dos sujeitos pesquisados.

A abertura do pesquisador (a) para ver o horizonte do outro, durante a pesquisa, é de extrema importância para que o movimento hermenêutico aconteça e possibilite uma íntima interação dos saberes. A dialética é peça chave nesse processo, e a pergunta inicia essa conversação, que rumo à explicação e ao entendimento do fenômeno em questão, abrindo possibilidades de compreensão das visões negligenciadas, dos pensamentos que não foram ditos e dos diversos saberes individuais.

Assim, reafirmamos as possibilidades apresentadas por Carletto (2016) e Pereira (2016) da hermenêutica como fio condutor para a interpretação e a compreensão dos movimentos de pesquisa e do pesquisador (a) em EA. Por se apresentar como um método de estudo que se ancora na dialética, como abertura para a compreensão do horizonte do outro, a hermenêutica proporciona um aprofundamento na produção do conhecimento.

E é dessa forma, que apresentamos a hermenêutica como uma vertente epistemológica frutífera para as pesquisas e para o (a) pesquisador (a) em Educação Ambiental, por possibilitar a compreensão do todo e das partes, do contexto em que estão inseridos os sujeitos a serem pesquisados, a compreensão dos diversos saberes, das palavras ditas e das não ditas, permitindo um mergulho em profundidade no entendimento do fenômeno a ser estudado. Além disso, a hermenêutica pede o autoconhecimento do pesquisador, contribuindo para o seu crescimento, e por consequência, o aprimoramento de seus estudos, colaborando com as pesquisas em EA.

Finalizamos este artigo, na forma dialética que nos ensina o mestre Gadamer: pela pergunta. Direcionamos a você leitor, na intenção de aproximar os caminhos que nos unem como pesquisadores (as) em EA, a seguinte pergunta: Como você compreende sua trajetória na pesquisa em EA?⁶

REFERÊNCIAS

BRESOLIN, Keberson. Gadamer e a reabilitação dos preconceitos. *Intuitio*, v. 1, p. 63-81, 2008.

6 Caros leitores, sintam-se acolhidos para encaminhar suas reflexões à estes autores e ampliar o diálogo acerca da hermenêutica. Para isso, utilize o e-mail denise.carletto@univille.br. Antecipadamente agradecemos.

CARLETTO, Denise Lemke. Percepção e Educação Ambiental: movimento fenomenológico hermenêutico para o diálogo com professores da Vila da Glória (Brasil) e Viana do Castelo (Portugal). 2016. 185f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, SC, 2016.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; GRÜN, Mauro; AVANZI, Maria Rita. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos Cedes**, v. 29, n. 77, p. 99-115, jan./abr. 2009.

CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Vilmar Alves. No horizonte da fenomenologia: entre conceitos e possibilidades. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 73-90.

EICHENBERGER, Jacqueline; PEREIRA, Vilmar. Filosofia hermenêutica e suas contribuições para a educação Ambiental. In: PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1ª Ed. Juiz de Fora, MG: Garciaedizioni, 2016, p.110-132.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Iared, Valéria Ghislotti; Di Tullio, Ariane; Oliveira, Haydée Torres de. Impressões de Educadoras/ES Ambientais em Relação à visitas guiadas em um Zoológico. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. 28, janeiro a junho de 2012.

LEFF, Henrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, 2011.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; VIÉGAS, Aline. A relação entre os conceitos de totalidade e de práxis e suas implicações para a educação ambiental: breve incursão na tradição dialética histórico-crítica. In: GUERRA, Antonio Fernando Silveira; TAGLIEBER, José Erno (Orgs.). **Educação ambiental: fundamentos, práticas e desafios**. Itajaí: Editora Univali, 2007.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: Colóquios sobre pesquisa em educação especial, Londrina, 2003. **Anais...** Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MARIN, Andreia Aparecida. A percepção no *logos* do mundo estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de percepção e educação ambiental. **Journal Interações**, Portugal, v. 5, n. 11, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. Educação Ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia merleau-pontyana. In: SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel; SATO, Michèle (Orgs.). **Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre**. Montréal: ERE-UQAM, 2002.

PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1ª Ed. Juiz de Fora, MG: Garciaedizioni, 2016.

_____, et. al. Olhares sobre epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação ambiental a partir do horizonte hermenêutico. In: PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1ª Ed. Juiz de Fora, MG: Garciaedizioni, 2016, p.17-43.

_____; DIAS, José Roberto de Lima; LEMOS, Luciane Oliveira. Caminhos epistemológicos e metodológicos. In: PEREIRA, Vilmar Alves; CLARO, Lisiane Costa (Orgs.). **Epistemologia e metodologia nas pesquisas em educação**. Passo Fundo: Méritos, 2012. p. 11-29.

RANIERI, Leandro Penna; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A entrevista fenomenológica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 4., Rio Claro, 2010. **Anais...** p. 1-8.

ROCKSTRÖM, Johan. Feature: a safe operating space for humanity. **Nature**, v. 461, 2009.

SARAÇOL, Paulo Valério; DOLCI, Luciana Netto; PEREIRA, Vilmar Alves. Hermenêutica e educação: um encontro com a pesquisa social. In: PEREIRA, Vilmar Alves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do pensamento pós-metafísico**. 1ª Ed. Juiz de Fora, MG: Garciaedizioni, 2016, p. 44-77.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SCHMITT, Lilian Alves. **Hermenêutica de Gadamer e a prática de Educação Ambiental**. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental Santa Maria*, v. 19, n. 2, mai. - ago. 2015, p. 1055-1059.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Submetido em: 28-10-2017.

Publicado em: 15-12-2017.